

LAZER, ESPAÇO URBANO E EDUCAÇÃO EM PARAISÓPOLIS: O INSTITUTO RUGBY PARA TODOS E OS JOGADORES DA COMUNIDADE LOCAL

Recebido em: 10/11/2021

Aprovado em: 06/03/2022

Licença: 

*Gideão da Silva Idelfonso*¹

*Edmur Antonio Stoppa*²

Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo – SP – Brasil

RESUMO: Este artigo tem como finalidade apresentar uma abordagem sobre o potencial dos valores do lazer, dentro da ótica de cidadania, em uma das maiores favelas de São Paulo, procurando enfatizar o aspecto histórico urbano e espacial, e os efeitos colaterais na distribuição de equipamentos para uma qualidade de vida melhor. E, ainda, entender qual a relevância do Instituto Rugby Para Todos (IRPT) na vida dos jogadores que vivem na comunidade de Paraisópolis e em uma sociedade onde o índice de pessoas carentes de direitos fundamentais tem sido algo preocupante e desafiador. Os relatos dos jogadores sobre as mudanças que o instituto trouxe para as suas vidas e os seus sentimentos para com o projeto são essenciais para a pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Paraisópolis. Rugby. Atividades de lazer. Espaço urbano.

LEISURE, URBAN SPACE AND EDUCATION IN PARAISÓPOLIS: THE RUGBY INSTITUTE FOR ALL AND THE PLAYERS OF THE LOCAL COMMUNITY

ABSTRACT: This paper aims to present an approach regarding the potential of leisure values within the perspective of citizenship in one of the biggest slums in São Paulo, while seeking to emphasize on its spatial and urban-historical aspects and its collateral effects on distribution of equipment required to improve quality of life. The impact caused by Rugby Institute for All (IRPT) in the players lives in a society where the number of people in need of their fundamental rights has been something concerning and quite challenging. It is taken into account the various aspects mentioned by the players about changes related to their feelings after taking part in the project.

KEYWORDS: Paraisópolis. Rugby. Leisure activities. Urban space.

¹ Bacharel em Lazer e Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH- USP).

² Docente do programa de Pós-graduação em Turismo e da Graduação em Lazer e Turismo (EACH/USP), líder do GIEL/USP e membro do ORICOLÉ/UFMG.

Introdução

A consciência social é construída, muitas das vezes, pela nossa experiência real e, no meu caso, uma ótica de existência dentro de uma favela. O grande aspecto motivador que por si só, revela uma grande justificativa para percorrer o caminho de estudo.

O ser criança, adolescente, adulto ou idoso em Paraisópolis, faz com que se viva caminhos bons e hostis, que podem ser percebidos no decorrer do trabalho. Segundo Rousseau (1979, p.38):

Os homens não são feitos para se amontoarem em formigueiros e sim para serem espalhados pela terra que devem cultivar. Quanto mais se juntam, mais se corrompem. [...] De todos os animais, o homem é o que menos pode viver em rebanho. [...] O hálito do homem é mortal para seus semelhantes; isso não é menos verdadeiro no sentido próprio do que figurado.

Em consequência, surgem atores pensantes e questionadores, indignados e ressentidos, sobre uma sociedade na qual a justiça é controversa e oportunidades concretas podem acabar sendo um instrumento importante para a promoção de direitos e emancipação.

Por isso o papel acadêmico, por meio da pesquisa e sua visão holística, é essencial, pois contribui com o equilíbrio do retrato que se faz de certos territórios. Paraisópolis é um organismo vivo e em mutação.

Assim, é preciso pensar em uma cidade inteligente e seus indicadores de variáveis³ estruturados para a favela. As soluções para os problemas urbanos, a partir de segmentos, como pelo lazer, que colaborem para o crescimento da vida dos cidadãos e da gestão pública, através da tecnologia ou de projetos de intervenção urbana e de impacto social.

³ FÓRUM CIDADES INTELIGENTES. Fórum sobre Cidades Inteligentes. Disponível em <http://forumcidadesinteligentes.info/forum-sobre-cidades-inteligentes>. Acesso em 10 ago. 2019.

Nas favelas, somos um povo, somos a cidade e o que se pede para elas: paz, lazer, cultura, inteligência, não muvuca, como já diria Sabotage⁴.

Ao modo *peripatético* de ser, palavra atribuída a Aristóteles, que dá o devido valor da natureza e da dignidade das indagações⁵, reflete que tudo vale a pena ser estudado, pois o verdadeiro objeto da pesquisa é a substância das coisas.

Dito isso, ao caminhar pensando e indagando entre ruas e vielas de Paraisópolis, surge a observação de que a arquitetura é predominantemente uma ocupação para fins de subsistência (serviços, comércios e moradias). A partir disso, foram verificados descompassos em relação ao espaço urbano e equipamentos para o lazer.

A implementação de políticas públicas estratégicas de equipamentos específicos para o lazer é quase zero, importante ressaltar que “o próprio espaço urbano passa a constituir um bem econômico — um produto a mais no mercado —, com a valorização absurda das áreas centrais inviabilizando a construção de equipamentos públicos e incentivando o crescimento vertical” (MARCELLINO, 2006, p.67):

Um dos poucos equipamentos específicos para o lazer, um campo de várzea que pulsa no centro do coração de Paraisópolis, que, mesmo sendo desproporcional para o montante de pessoas existentes, possibilita diversão, desenvolvimento e descanso. Um espaço para reinvenção e inclusão social. No que permeia a estruturação, o lazer, segundo Stoppa (2007, p.124):

[...] pode ser um excelente mecanismo de organicidade para a comunidade, como um momento, participativo e definidor das ações que envolvem a coletividade. Assim é entendido como direito de cidadania, podendo ser vivenciado como um instrumento de mudança, gerador de novos valores, como contraponto a problemática das políticas públicas sociais.

⁴ SANTOS, Mauro. No Brooklin. Rap é compromisso, Sabotage. São Paulo. 2000. Hip-hop/Rap. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/sabotage/65058/>. Acesso em: 10 ago. 2019.

⁵ ABBAGNANO, N. 1901-1990. Dicionário de filosofia; tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti - 5ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2007.

O montante de verbas destinadas ao Lazer é irrisório, o que contribui para escassez da instrumentalização dentro de territórios periféricos, como afirma Isayama e Linhares (2006, p.105):

As políticas de lazer, quando se voltam para as periferias metropolitanas, não raro, se caracterizam pelo atendimento aos que não compõem a demanda solvável da indústria do lazer, propiciando-lhes equipamentos e/ou atividades às quais não teriam acesso economicamente.

A relevância do estudo está exatamente expressa nesse sentido: busca mostrar para a sociedade como um todo a importância do lazer na vida dos indivíduos e como pode ser um vetor de oportunidade para prosperar em novos horizontes reestruturados. Portanto, muitos utilizam o Terceiro Setor como intermediário no processo de desenvolvimento político e socioeconômico. Em Hudson, (2004, p.3) tem-se o Terceiro Setor:

[...] em organizações cujos objetivos principais são sociais e não econômicos. A essência desse empreendimento envolve instituições de caridade, organizações religiosas, entidades voltadas para as artes, organizações comunitárias, sindicatos, associações profissionais e outras organizações voluntárias, criadas e mantidas por pessoas que acreditam que mudanças são necessárias e que elas mesmas possam tomar providências nesse sentido. [...]

A institucionalização do Rugby em Paraisópolis promoveu a força e consolidou experiências e vivências dentro e fora das linhas do campo, carregando em sua prática e gestão: visões, missões e valores. Sendo assim, depois de muitas lutas vividas por seus gestores, o projeto social do Instituto Rugby Para todos (IRPT), tendo por base sua atuação de impacto social, teve seu início em 2004 e, segundo o próprio portal, o objetivo sempre foi⁶:

[...] Aprender o Rugby e seus valores de união, disciplina e amizade, entre outros. Desde então, o projeto já ajudou na formação pessoal de mais de 5 mil crianças e adolescentes através do esporte, em São Paulo e no Rio. Além disso, o IRPT atua na formação de atletas de alto nível, que representa faculdades, clubes da primeira divisão Paulista e as seleções nacionais Juvenis e Adultas, Masculinas e Femininas.

⁶ RUGBY PARA TODOS. História. Disponível em: <https://www.rugbyparatodos.org.br/>. Acesso em: 29 dez. 2019.

E nesse grande desafio o objetivo deste estudo é uma análise holística, apurada e compartilhada, aplicando um olhar crítico sobre a gestão participativa do IRPT, às análises do lugar, do espaço urbano e humano, permeadas por contradições e injustiças sociais, que o princípio e o caminho para o desenvolvimento da pesquisa tomaram como base.

A metodologia busca dar substância e forma aos objetivos gerais e específicos, detalhados melhor no desenvolvimento do trabalho. O foco segundo Veal (2011, p.31): “surge da necessidade de julgar o sucesso ou a deficiência de políticas ou programas” neste caso, dentro do campo do Lazer.

A pesquisa buscará direcionar o olhar para as ciências sociais por focar no comportamento social dos indivíduos, “pessoas podem saber a respeito de uma pesquisa realizada sobre elas, e, portanto, deixarem de ser objetos puramente passivos; podem reagir aos resultados da pesquisa e alterar seu comportamento de acordo com eles”. (*Ibidem*, p.28).

O método investigativo e confronto das hipóteses se deram por meio de um estudo de caso. A coleta de dados foi feita com o auxílio do formulário Google, que contemplou professores, alunos, e um dos gestores do Instituto IRPT.

A ideia de realizar a entrevista presencialmente, era a proposta inicial, assim como observar as reações dos participantes enquanto respondiam as perguntas, o que, infelizmente, precisou ser descartada devido ao cenário de isolamento social regulamentado pela Organização Mundial da Saúde (OMS)⁷ por conta da pandemia do Covid-19. Por isso, foi necessário optar pela coleta de dados de forma on-line.

⁷ JORNAL NACIONAL. OMS reforça que medidas de isolamento social são a melhor alternativa contra o coronavírus. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/30/oms-reforca-que-medidas-de-isolamento-social-sao-a-melhor-alternativa-contr-o-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 24 mar.2020.

A insegurança inicial se deu pelo medo de que a ausência de um entrevistador para conduzir os entrevistados, pudesse interferir na forma como as perguntas seriam respondidas, devido à falta de interação. Contudo, a ideia acabou sendo refutada. As respostas dos alunos, professores e do gestor foram justas e com conteúdo de extrema importância.

A coleta dos dados durou cerca de quatro meses, em um primeiro momento, foi pedido autorização para a realização das entrevistas com os atores, na primeira reunião com o gestor em 2018. A pandemia do Covid-19 foi um problema solucionado, a interação foi mútua e muito comprometida e respeitando a Resolução CNS 96/1996⁸, relacionada à Pesquisa com Seres Humanos, e explicada no formulário que advertiu:

Liberdade de participar ou deixar de participar do estudo, sem que isso lhe traga algum prejuízo ou risco; manter o seu nome em sigilo absoluto, sendo que o que disser não lhe resultará em qualquer dano à sua integralidade; interromper a participação na pesquisa caso se sinta incomodado (a) com a mesma, responder as questões levantadas pelo pesquisador caso seja solicitado futuramente, garantia de receber uma resposta a alguma dúvida durante ou após a entrevista.

As perguntas do questionário foram elaboradas apoiadas nas teorias e hipóteses levantadas, com o objetivo de atingir o máximo de clareza nas descrições dos fenômenos indagados, que André (1983, p. 66-71) cita como um aprendizado:

[...] em sua manifestação natural, bem como captar os diferentes significados de uma experiência vivida, auxiliando a compreensão do indivíduo no seu contexto. [...] O indivíduo não é um ser passivo e seu entendimento dentro do seu contexto social é muito importante para o entendimento das indagações levantadas.

Dito isso, a análise da coleta foi em uma perspectiva de saturação. Por saturação, entende-se um instrumento conceitual que pode ser empregado em investigações qualitativas. Nessa técnica, quando os entrevistados não trouxeram nada mais de diferente à análise qualitativa, a coleta de dados é encerrada.

⁸ TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO. Disponível em: file:///C:/Users/samsung/Downloads/MODELO_DE_TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO_EACH_USP.pdf Acesso em: 24 mar 2020.

A análise dos dados de forma qualitativa segundo Veal (2011, p.76) envolve uma grande quantidade de dados sobre uma pequena quantidade de pessoas:

A informação coletada não é, geralmente, apresentada de forma numérica. É usada quando a completa compreensão do comportamento e das situações de alguns indivíduos, por mais “não representativos” que possam ser, é necessária, mais do que um entendimento limitado de um grupo grande e “representativo”.

A leitura busca ser leve, para que todos tenham o prazer de saborear um pouco do conhecimento científico, com foco em mostrar a importância das políticas do lazer e seus potenciais em diversos níveis, como as organizadas por indivíduos em comunidade que não esperam sentados para agir, além da potência desse instrumento para possíveis melhorias futuras do poder público na comunidade estudada ou em outras frente ao tema.

Apresentação do Campo de Pesquisa

Adiante, de acordo com Harari (2016, p.67) para que minorias oprimidas exijam direitos políticos — o primeiro passo é recontar a história”. Portanto, é necessário levantar dados a respeito do histórico de crescimento de Paraisópolis ao longo do tempo. A história do surgimento e crescimento certamente interfere no âmbito estrutural atual e, conseqüentemente, social, no que tange o cotidiano dos moradores dessa comunidade, e recontá-la possibilita imaginar um futuro mais próspero.

A Paraisópolis tem a maior densidade populacional do Brasil — cerca de mil habitantes por hectare⁹ — mas é preciso levar em consideração que nos últimos anos, não houve uma base de dados estatísticos confiáveis feitos pelo IBGE. Contudo, segundo a Associação dos Moradores e Comércio em Paraisópolis, que atua na comunidade desde 1983, acredita-se que a região possua entre 80.000 e 100.000 mil

⁹ OLIVEIRA, Nielmar. **IBGE divulga Grade Estatística e Atlas Digital do Brasil**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2016-03/ibge-divulga-grade-estatistica-e-atlas-digital-do-brasil>. Acesso em 25 out. 2019.

habitantes atualmente¹⁰. O espaço comporta todo esse número populacional devido aos conjuntos desordenados das casas distribuídas pelo espaço e, claro, com uma pitada de criatividade arquitetônica.

Dentro das mais de 40 ruas e becos da comunidade, é notório uma característica arquitetônica singular, hiperverticalização, não sendo difícil encontrar habitações acima de 4 andares, conjuntos de casas compactas, que remetem a algo denso, rústico e de beleza peculiar.¹¹ Essas construções geram questionamentos sobre a segurança estrutural das casas, pois na maioria dos casos não existe um especialista técnico ideal fazendo a vistoria, e um saneamento básico adequado para sustentação culminando em uma tragédia¹².

O Morumbi bairro vizinho nobre em enclave fortificado, totalmente murado, com suas mansões e prédios luxuosos, piscinas na sacada, cinemas, lagos artificiais, seguranças particulares, câmeras por todo lado, que circundam o entorno da comunidade e reafirmam a ideia de contraste social¹³. Para Koga (2003, p. 35-36), o uso do território pelos indivíduos e sua relação com o meio “se constrói a partir da relação entre território e as pessoas que dele se utilizam. Esta indivisibilidade hoje se mostra com uma particularidade extremamente fecunda quando observamos a intensa dinâmica da população nos territórios”.

A reflexão acima permite destacar que entre Paraisópolis e o bairro do Morumbi, há um “muro social”. A separação dentro de um espaço entre duas populações de um

¹⁰ PARAISÓPOLIS, (org). **Dados demográficos**. Disponível em: <http://paraisopolis.org/multientidades-de-paraisopolis/paraisopolis/>. Acesso em: 24 nov.2019.

¹¹ QUINTELLA, Sérgio. **Verticalização das favelas: conheça o “Copan” de Paraisópolis**. 2017. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/verticalizacao-favela-copan-paraisopolis/>. Acesso em 24 nov.2019.

¹² ANJOS, Marcus. BORTOLOTO, Bernardo. **Após desabamento em Paraisópolis, Prefeitura pode antecipar obras em córrego se moradores deixarem o local**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/10/17/apos-desabamento-em-paraisopolis-prefeitura-pode-antecipar-obras-em-corrego-se-moradores-deixarem-o-local.ghtml>. Acesso em: 27 out 2021.

¹³ MACHADO, Leandro. **'Quem a polícia defende? De que lado está?'**, questiona autor de foto símbolo da desigualdade no Brasil. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50666148>. Acesso em 10 ago. 2019.

mesmo lugar, motivada pela própria dinâmica do cotidiano vivido por aquelas pessoas. Tal separação é resultado da autosegregação elitista em prol de uma falsa sensação de segurança, já que o Morumbi tem um alto índice de violência sobre patrimônio e roubo de bens materiais¹⁴. Segundo Marcellino (2006, p.74):

A violência, a falta de segurança, são apontadas como fatores que impedem a escolha do lazer das pessoas, contribuindo para que fiquem reféns de suas próprias casas, aumentando o já elevadíssimo número de indivíduos que têm, na casa, o seu principal “equipamento” de lazer.

Assim, segundo Rodrigues (2002, p.154): “a vida privada é marcada cada vez mais pelo medo e pelo enclausuramento. Vivemos uma realidade travestida pelo virtual e pelo simulacro.”, característica do lazer na pós-modernidade.

O processo de construção do bairro vizinho, o Morumbi, começou com loteamentos em 1921 que, por conta da falta de infraestrutura, nunca foram ocupados e nem tiveram os pagamentos regularizados. Em decorrência, a região começou a ser ocupada informalmente posteriormente. Ao se basear nessa origem, Paraisópolis em 2021 completou cem anos. A chegada de moradores de favelas extintas nos anos 90, na gestão Maluf, principalmente das favelas Jardim Edith e Portugal, que ficavam na região do Brooklin, entre outros aspectos históricos e socioeconômicos, foram determinantes para a massificação dos assentamentos em Paraisópolis.¹⁵

O início do crescimento demográfico acentuado também tem relação direta com o processo de migração em massa de indivíduos do campo para as grandes cidades. Em sua maioria nordestina, que tomados pelo mito do progresso social nos grandes centros urbanos, se assentavam nessas regiões, conforme Gohn destaca (2010, p.273):

[...] Calcula-se que 80% da população local seja de origem nordestina, porque a região foi, e continua sendo, um grande espaço de acolhimento de

¹⁴ REIS, Vivian. '**Não temos prazer nenhum nisso**', diz delegado sobre operação policial que matou 10 em SP. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/nao-temos-prazer-nenhum-nisso-diz-delegado-sobre-operacao-policial-que-matou-10-no-morumbi.ghtml>. Acesso em 24 out.2019.

¹⁵ SOUZA, Felipe. BARIFOUSE, Rafael. **Paraisópolis, 100 anos**: como loteamento de luxo virou favela mais famosa de São Paulo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50694377>. Acesso em 27 out 2021.

migrantes daquela região. Inicialmente, eles vieram para São Paulo a fim de trabalhar na construção do estádio do São Paulo. Alguns ficaram na região e depois foram trabalhar na indústria da construção civil, que teve um *boom* nos anos 70- 80. Aqueles trabalhadores, em sua grande maioria, foram os "receptionistas" de centenas de parentes e conhecidos do Nordeste, em seus barracos na Paraisópolis. Hoje, grande parte deles são os faxineiros e porteiros dos edifícios que ajudaram a construir.

Santos (1982, p. 22) aponta para um olhar que: “a proximidade física é indispensável à reprodução da estrutura social. A crescente separação entre as classes agrava a distância social. Os homens vivem cada vez mais amontoados lado a lado em aglomerações monstruosas, mas estão isolados uns dos outros”.

Esses aspectos são considerados pontos frágeis do capitalismo, em que, Wilde (1895, p.32) destaca “[...] nossa sociedade é infinitamente mais complexa e apresenta contrastes bem maiores de luxo e miséria do que qualquer sociedade do mundo antigo”. E assim há um fenômeno social brasileiro em que Smith (1988, p.221) define como uma: “desigualdade social estampada na paisagem geográfica e é simultaneamente a exploração daquela desigualdade geográfica para certos fins sociais determinados”.

Nos dias atuais, é notório como o lazer se tornou ainda mais um tema importante. No entanto, não parece estar claro no imaginário social. O lazer é um fenômeno a ser entendido como parte condicionante da cultura popular. A análise do lazer, mais do que de suas atividades, deve nos encaminhar à busca de sentidos e de significados dentro desses contrastes sociais já explicitados.

Desenvolvimento

Segundo Bacal (2003), o homem está conectado em duas direções: tempo e espaço. É nelas que a vida individual e social acontece. Partindo dessa premissa, intui-se que nesse mundo de pressão cotidiana, o espaço está propício e arranjado para uma melhor apropriação dos indivíduos, em busca do seu bem-estar social, é fundamental.

As décadas passadas já revelavam, segundo Thompson (1987, p.185) que: “a deterioração do ambiente urbano parece-nos hoje uma das mais desastrosas consequências da Revolução Industrial, sob vários pontos de vista: a estética, as comodidades da população, o saneamento e a densidade demográfica”.

Há muitos pontos, devido ao desenho urbano em Paraisópolis, que convergem com a citação acima, como, por exemplo, a falta de saneamento básico adequado em alguns pontos, calçadas quase inexistentes, ruas estreitas, casas desordenadas, crescimento vertical exagerado, baixa iluminação, enchentes e trânsito caótico, entre outros aspectos ¹⁶ Marcellino (2006, p.66) aponta:

O aumento da população urbana, agravado pelo êxodo rural e pelas migrações das cidades menores para aquelas que se constituem em pólos de atração, não foi acompanhado no que se refere à habitação e serviços urbanos, gerando desníveis na ocupação do solo e diferenciando marcadamente, de um lado as áreas centrais, concentradoras de benefícios, e de outro, a periferia, verdadeiro depósito de habitações.

Acredita-se que a revitalização urbana que é essencial e necessária pode ser feita por meio do lazer, como Melo (2003, p.80) adverte “[..] trata-se de reconhecer os potenciais educacionais das atividades de lazer para reintegrar cidade e cidadão e para estimular a auto-organização das comunidades”, e, segundo Marcellino (2006, p.82): “cumpre importante papel, também, na revitalização dos espaços e equipamentos. Assim, é muito importante a consideração dos patrimônios artísticos, arquitetônicos e urbanísticos, que fazem parte da memória das cidades, como elementos de enriquecimento da paisagem urbana”.

No entanto, tendo por base Isayama e Linhares (2006, p.8): “a participação popular nas ações governamentais de esporte e lazer é ainda pequena, já que essas questões se apresentam, ainda, em posições secundárias frente a outras esferas da vida

¹⁶ JOVEM PAN. **Moradores e secretário de Dória discutem saídas para enchentes em Paraisópolis**.2019. Disponível em: <https://pan.com.br/programas/jornal-da-manha/moradores-e-secretario-de-doria-discutem-saidas-para-enchentes-em-paraisopolis.html>. Acesso em 5 jan.2020.

social, como educação, a saúde, a moradia, o saneamento, etc.” A discussão acerca do lazer para a periferia, nos diferentes níveis de gestão pública, é cotidianamente permeada por contradições, tensões e falsas promessas, em que Marcellino adverte que (2006, p.67):

A visão utilitarista do espaço é determinante nos processos de renovação urbana, ou seja, nas modificações do espaço urbanizado ditadas pelas transformações verificadas nas relações sociais. Trata-se de prática inevitável se considerada a evolução das necessidades da vida nas cidades.

Por isso, o surgimento de um Parque em Paraisópolis, por exemplo, seria um exemplo de mudança no sentido utilitário do espaço, como uma maneira de renovar o espaço urbano. A obra do equipamento específico de lazer e cultura estava parada há mais de dez anos, voltando a ser prometida para o segundo semestre de 2021 e ironicamente depois de tragédias ocorridas na comunidade.¹⁷

Os moradores do Morumbi, vizinhos ao parque solicitaram a Prefeitura de SP um muro de divisa entre o bairro e o parque e regras de uso, o que não foi acatado¹⁸. E após 13 anos de espera e controversas, finalmente, o parque Lourival Clemente da Silva foi inaugurado¹⁹.

Segundo Marcellino (2006, p.76,77):

Nas grandes cidades, as pessoas buscam por áreas abertas (praças, parques etc.), pois sentem a necessidade de estar em contato com o meio ambiente. “Eis por que alguns grandes parques, espalhados pela cidade, tornam-se pólos centralizadores de verdadeiras multidões” (SANTINI, 1993, p.44). A existência de parques nas cidades torna-se assim, de extrema importância para o lazer da população.

¹⁷ CAETANO, Guilherme. Um ano após massacre, Paraisópolis vive ‘velho normal’ com PM e boom de novos negócios. Disponível: <https://oglobo.globo.com/politica/um-ano-apos-massacre-paraisopolis-vive-velho-normal-com-pm-boom-de-novos-negocios-24774411>. Acesso em 31 out 2021.

¹⁸ PAULO, Paula Paiva. **Moradores do Morumbi pedem permissão à Prefeitura de SP para construção de muro na divisa com futuro Parque Paraisópolis**, 2020. Disponível: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/07/10/moradores-do-morumbi-pedem-permissao-a-prefeitura-de-sp-para-construcao-de-muro-na-divisa-com-futuro-parque-paraisopolis.ghtml>. Acesso em 9 jan. 2020.

¹⁹ POR G1 E SP1. **Após 13 anos de espera, o Parque de Paraisópolis, na Zona Sul da cidade de SP, é inaugurado neste sábado**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/18/apos-13-anos-de-espera-parque-de-paraisopolis-na-zona-sul-da-cidade-de-sp-e-inaugurado-neste-sabado.ghtml>. Acesso em: 31 out 2021.

A vida pode ser encarada como uma ciência e, por isso, fazer experimentos é fundamental para consolidar objetivos, mudar cenários, criar conceitos e mudanças. Como Sagan (2006, p.360) evidencia: “os métodos da ciência – com todas as suas imperfeições – se podem usar para melhorar os sistemas sociais, políticos e econômicos, e acredito que isso é certo qualquer que seja o critério de melhora que se adote”.

Por isso, as políticas públicas se fazem necessárias em uma rede participativa de empresas, governo, atores da sociedade dentro das ambiências desses territórios, Segundo Bonalume (2002, p.198): “é necessário romper com os modelos existentes de ocupação espacial das áreas urbanas e rural, enfrentando as dificuldades e resistências inerentes ao processo, para que as pessoas possam ser inseridas em um espaço harmônico”.

No entanto, não há previsões que garantam a concretização. Sobre isso, Harari (2016, p.64) alerta: “A agenda dos que vivem em palácios é diferente da dos que vivem em barracos, e não é provável que isso vá mudar no século XXI.” A previsão histórica citada nos remete a uma sina dos que sobrevivem dentro de comunidades como a de Paraisópolis. Alguns *Homo sapiens* estão preocupados em virar deuses; outros, com o prato de comida no dia seguinte. Não parece justo. Mas quem disse que a vida é justa? Ainda assim, existem muitos indivíduos na sociedade civil que sabem que não fazer nada é uma omissão clara dos deveres de um cidadão.

Como no caso dos idealizadores do Instituto Rugby Para Todos e sua gestão participativa. Eles procuraram atacar os problemas sociais visíveis dentro da comunidade. O crescimento da população mundial, cada vez mais se expandindo em milhões e milhões, contribui para que as pessoas tenham, assim como Santos e Kadota (2012, p.18) colocam:

[...] diferentes necessidades e desejos que podem ser satisfeitos pelo consumo de produtos em geral. Elas precisam de comida, abrigo, segurança, descanso,

diversão e muito mais. A satisfação dessas necessidades individuais em sociedade compostas por muitas pessoas é algo complexo. As sociedades possuem recursos limitados e enfrentam a todo momento questões sobre qual a melhor forma de alocar esses recursos.

As Organizações da Sociedade Civil têm esse caráter, percebendo a deficiência do Estado dentro do cenário social, buscam ser os próprios agentes de transformação, em uma rede coletiva e, como Harari (2016, p.144) pontua, contribuem no sentido de: “Se os Sapiens governam o mundo porque somente nós somos capazes de colaborar em grande número e com flexibilidade” (Ibidem, p.208): “Nenhum paraíso nos aguarda após a morte – mas podemos criar um paraíso aqui na terra e viver nele para sempre, desde que consigamos superar algumas dificuldades técnicas”.

O contexto histórico de crescimento populacional e conflitos sociais difundidos ao longo do tempo compromete a estruturação do lazer dentro de seu espaço. Os problemas que muitas vezes foram gerados pela ineficiência política e uma má gestão do bolo econômico. A segregação racial faz com que viver em uma região periférica, seja emocionalmente conflitante. A vida violenta noticiada em jornais sensacionalistas e a romantizada nos clipes rentáveis de pop-funk, conseguem definir bem superficialmente a complexidade social existente dentro desses territórios.

A partir disso, o objetivo geral será entender o papel da gestão educacional do Instituto Rugby Para Todos e os impactos do projeto na vida dos praticantes. A problemática está customizada em torno da escassez e da ineficiência do planejamento estratégico urbano e do lazer dentro de Paraisópolis. Ao identificar o potencial do lazer e da cidadania que gira em torno da gestão do instituto IRPT, surgem indagações importantes: será que as oportunidades, aparentemente singelas ao senso comum, dentro do campo do lazer, podem ser um instrumento importante à mudança do indivíduo enquanto ator social? A gestão educacional, junto ao Lazer, pode propiciar esse desenvolvimento pela prática esportiva? A partir disso, os objetivos específicos foram:

- 1) Analisar o processo de planejamento das ações realizadas pelo Instituto Rugby;
- 2) Entender como a comunidade local participa e desenvolve conjuntamente as ações com gestores e professores;
- 3) Identificar e analisar o impacto direto das ações na vida social dos atores contemplados pelo projeto, bem como sua relação com o espaço urbano;
- 4) Entender se o lazer realmente pode ser um instrumento importante para a melhoria da qualidade de vida dos jogadores da comunidade de Paraisópolis.

Resultados e Discussão

Na Paraisópolis, em meio às enganações do poder público no que tange às políticas de instrumentalização e sociais do lazer, equipamentos específicos destinados à comunidade, são insuficientes, mas não inexistentes. O uso dos equipamentos não específicos para o lazer (centros ou estruturas que têm um uso específico, que não diretamente para o lazer) são os com mais adesão por parte dos moradores.

As poucas quadras poliesportivas, bailes funks, bares, casas de shows, CEU (centro educacional unificado), escolas, batalhas de Rap, apropriação de ruas e o único campo de várzea existente na comunidade, o “Palmeirinha”, são os atrativos principais. Quanto à temática, Melo (2003, p.21) afere que:

Durante muitas décadas, as discussões relativas à temática “lazer” não foram frequentes no Brasil, tanto no âmbito das instituições acadêmicas quanto no das organizações governamentais, já que o assunto era considerado de menor importância, muitas vezes até mesmo não reconhecido como um direito social como outro qualquer.

O distrito de Vila Andrade, onde se situa Paraisópolis, ocupa a 79^o posição no ranking de centros culturais, casas e espaços culturais. A região também possui o pior

índice de conjuntos informais construídos, sendo 49% dos domicílios. O distrito de Paraisópolis também é o pior da cidade em número total de equipamentos esportivos²⁰.

Tendo como paralelo ao Mapa da Desigualdade de 2018, a publicação do El PAÍS de 2019, foi possível identificar o abismo social entre duas garotas de regiões distintas, uma de Perdizes, Mariana Grimaldi de 15 anos que reside em um dos bairros mais tradicionais de São Paulo, e a outra de Paraisópolis, Kimberly Barbosa, 15. Apesar da óbvia discrepância, há um aspecto curioso.

A fala marcante de Kimberly que cita: “o lazer que temos é jogar bola na quadra, os bailes funk na rua, que minha mãe deixa eu ir uma vez por mês, e o pagode” conta a adolescente, que raramente sai de Paraisópolis.²¹ A fala anterior traz preocupações e problemáticas frente ao espaço urbano, aos equipamentos e questionamentos dos significados do lazer dentro da comunidade e dos dilemas presentes.

Assim, Milton Santos (1982, p.22) vem para complementar que: “A própria cidade converteu-se num meio e num instrumento de trabalho, num utensílio como a enxada na aurora dos tempos sociais”.

Uma breve discussão acerca do tema “baile funk” se faz necessário. O acontecimento no ano de 2019, de comoção nacional, em que 9 jovens morreram pisoteadas em um tumulto, após a ação da polícia militar²², deixa a discussão ainda mais propensa. Entre os mortos, um adolescente de 14 anos. Por meio deste artigo, presta-se solidariedade às famílias e amigos dos jovens mortos.

²⁰ REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da desigualdade**. 2019 Disponível em: https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Mapa_Desigualdade_2019_tabelas.pdf. Acesso em: 26 mar.2019.

²¹ BETIM, Felipe. ALESSI, Gil. **O abismo dentro de São Paulo que separa Kimberly e Mariana**.2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/27/politica/1543348031_337221.html. Acesso em 28 mar. 2019.

²² CERÂNTULA, Robinson. TRALLI, César. MUNIZ, Bárbara. **Nove pessoas morrem pisoteadas em tumulto após ação da Polícia Militar durante baile funk em Paraisópolis**, em SP. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/12/01/perseguido-e-tiroteio-em-baile-funk-em-paraisopolis-deixa-ao-menos-8-mortos-pisoteados-em-sp.ghtml>. Acesso em: 6 jan.2020.

Um caso emblemático que afastou 31 policiais do patrulhamento nas ruas, e que desses, 10 foram promovidos²³. Por outro lado, o MP aceitou a denúncia para tornar réus 12 policiais militares acusados de homicídios e seu eventual dolo²⁴, além do governo de São Paulo indenizar às famílias das vítimas pelo ocorrido trágico²⁵, mas que de fato os trâmites sendo tanto para culpabilizar quanto para indenizar, um processo lento.

Ao pensar sobre os significados desses “pancadões” dentro da sociedade e sua extinção, Mario Sergio Cortella, em uma entrevista ao Jornal da Cultura em 2019²⁶, reflete que:

[...] é uma manifestação daquela comunidade [...] na qual, acima de tudo, que não é uma questão policial, a decisão do que fazem os jovens e as pessoas naquele lugar para ter seu lazer e seu modo de colocar, se será o funk, o pancadão ou outra coisa, não é uma questão policial, por isso essa situação não é um incidente, essa que estamos olhando, nem um acidente, não é uma coisa que aconteceu fortuito e tudo bem [...].

A vida religiosa em oposição aos valores prazerosos, oferece uma perspectiva sobre a abominação desses eventos. A “simples clareza desse contrato permite à sociedade definir normas e valores comuns que regulam o comportamento humano” (HARARI, 2016, p.191). Um valor ético imposto e que, em Paraisópolis, não seria diferente, considerando assim, ao senso comum, um local problemático que concentra atos de subversão e dissenso.

Ao tomar como base uma filosofia Humanista que afirma que a “experiência humana é definitivamente a fonte do significado e da autoridade” (HARARI, 2016,

²³ ALMA, Preta. **Policiais militares afastados por massacre de Paraisópolis recebem promoção.** Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/policiais-militares-afastados-por-massacre-de-paraisopolis-recebem-promocao-133944117.html>. Acesso em 1 nov. 2021.

²⁴ TAVARES, Bruno. **Justiça aceita denúncia do MP e torna réus 12 policiais militares acusados do homicídio de 9 jovens em Paraisópolis.** Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/07/30/justica-aceita-denuncia-do-mp-e-torna-reus-12-policiais-militares-acusados-do-homicidio-de-9-jovens-em-paraisopolis.ghtml>. Acesso em 01 nov. 2021.

²⁵ ASSIS, Letícia. **Governo de SP vai indenizar as famílias dos mortos em baile funk.** Disponível em: < <https://noticias.r7.com/sao-paulo/governo-de-sp-vai-indenizar-as-familias-dos-mortos-em-baile-funk-06082021> > Acesso em 1 nov de 2021.

²⁶ JORNALISMO TV CULTURA. **Mario Sergio Cortella sobre as mortes em Paraisópolis.** 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L88vyfwmEzo&t=1s>. Acesso em: 10 jan.2020.

p.254), dentro de uma ótica liberal, social e evolucionária nos permite um princípio de análise.

No que tange o humanismo evolucionário, uma solução de ideologias conflitantes se faz pelo combate, “o conflito é a matéria-prima da seleção natural, que impulsiona a evolução adiante. Alguns humanos simplesmente são superiores a outros, e, quando experiências humanas colidem, os humanos mais aptos devem prevalecer sobre quaisquer outros” (*Ibidem*, p.259).

Nessa perspectiva, a experiência da “guerra” é valiosa e parte de um fio condutor, do uso de forças secundárias e de controle social: a polícia. As periferias têm um grande histórico de truculência e falta de empatia para com os residentes, por conta desse intermediário do Estado, que legitima a opressão de humanos superiores, sobre os ditos inferiores, com tiro, pancada e bomba. Esse retrato fica nítido no capítulo 3 do livro *bala perdida: a violência policial no Brasil e os desafios para sua superação*.²⁷ O mundo não pode ser considerado uma selva.

No aspecto de controle de certas etnias, entende-se que nas periferias das grandes cidades, a criminalização da pobreza indireta é mais nítida. Dessa forma, a sociologia do direito ajuda a entender que a lei são regras que valem para todos, mas que por conta da desigualdade e do estigma social, atinge mais as pessoas pobres.²⁸ E isso se confirma, quando ações policiais voltadas aos pancadões, são restritas a certas localidades específicas, como no caso do massacre de Paraisópolis; abordagem que não aconteceria em bairros como os Jardins ou Alphaville, por exemplo.

A análise inicial traz um aspecto curioso a ser refletido: quais são os motivos que levam esses jovens a esses eventos? O baile funk é realmente lazer?

²⁷ KUCINSKI, Bernardo. **Bala perdida**. A violência policial no Brasil e os desafios para sua superação. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

²⁸ SILVA, Brisa. Criminalização da pobreza e a pobreza da criminalização: a abordagem da justiça restaurativa para a complexidade do conflito. **Revista Publicum**. Rio de Janeiro, v.2, n. 2, 2016, p. 205-253.

O entendimento da primeira questão, pode estar relacionado a fatores motivacionais individuais de um grupo. Dito isso, Brito (1994, p.18) afere que “o motivo é um fator dinâmico (consciente ou inconsciente), fisiológico, afetivo, intelectual, social, em interação, que age influenciando o comportamento de um objetivo, fim ou meta, consciente ou inconscientemente apreendido”.

Uma parte dessa visão decorre de um apelo humanista liberal, e sobre esses aspectos de conduta, Rousseau (1967, p.348) adverte que “nas profundezas de meu coração, traçadas pela natureza em caracteres que ninguém pode apagar. Só preciso consultar a mim mesmo a respeito do que quero fazer; o que sinto que é bom é bom, o que sinto que é ruim, é ruim”.

Portanto é possível destacar que a motivação individual é o que fundamenta a vontade desses jovens. A sua própria sensibilidade e experiência, faz com que procurem por espaços que remetem a diversão, sendo, é claro, dentro de um contexto socioeconômico e de recursos escassos culturais e de lazer dentro do território estudado.

Por outro lado, Harari (2016, p.253) afere que “todas as seitas humanistas acreditam que a experiência humana é a fonte suprema da autoridade humana e do significado, mas elas interpretam a experiência humana de maneiras diferentes”.

Assim, em uma perspectiva humanista socialista, em um mundo globalizado, os indivíduos possuem sensibilidades e experiências diferentes e vontades opostas, as quais, “ser livre para expressar e explorar, contanto que com isso não fira os outrem.” (*Ibidem*, p.256).

Por tanto, quando se pensa no bem-estar social da comunidade como um todo, alguns provavelmente diriam que as ações dos frequentadores em explorar suas vontades sem interferir nos direitos de cidadania do seu vizinho é algo conflitante. O

caso da perturbação do sossego, seria um dos bons exemplos²⁹, em que o direito do idoso, criança e até mesmo de outros jovens da própria comunidade que não frequentam o evento, não fossem violados.

Sendo assim, algumas instituições coletivas e associações de bairros advogariam que esses eventos culturais deveriam ter regras consolidadas por órgãos públicos, por conta da aglomeração de milhares de jovens em um território onde o espaço não é adequado. A ideia posta seria com hora para começar e acabar, uma infraestrutura propícia, com regras claras³⁰. Rolnik (2000, p.184) auxilia dizendo que:

[...] implementar uma política de investimento muito clara na retomada da qualidade do espaço da cidade, na retomada da multifuncionalidade e beleza, na retomada da ideia de uma cidade que conecte usos, funções e pessoas diferentes, em segurança. Esse modelo não é só urgente para quem defende uma posição mais democrática de utilização do espaço público, da vida pública, mas também porque é mais sustentável.

É muito difícil cravar o que motiva esses jovens a frequentarem tais eventos, talvez fosse preciso um experimento para se entender a questão. Uma coisa é certa, humanos dispõem de vozes conflitantes internamente “que constantemente tentam dar sentido à vida, utilizando explicações parciais para fabricar histórias plausíveis” (HARARI, 2016, p.296).

O que acaba caminhando para além do remediar ou prevenir os bailes, por meio da violência e truculência, é gerar outras opções culturais e de lazer dentro desses territórios que possibilitem outras opções de escolhas para esses jovens.

O funk como uma prática cultural dos jovens daquela comunidade, pode ser considerado lazer, se levarmos em consideração o seu caráter voluntário e na sua perspectiva de interação local e comunitária, e que, de acordo com Requiça (1977,

²⁹ AGÊNCIA MURAL. **Preço do aluguel e barulho afastam famílias de Paraisópolis**. 2017. Disponível em: <https://mural.blogfolha.uol.com.br/2017/09/27/preco-do-aluguel-e-barulho-afastam-familias-de-paraisopolis/>. Acesso em: 29 abr.2020.

³⁰ DIARIO DE PERNAMBUCO. **Moradores de Paraisópolis querem baile funk na comunidade "com regras"**. 2019. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/brasil/2019/12/moradores-de-paraisopolis-querem-baile-funk-na-comunidade-com-regras.html>. Acesso em 20 abr.2020.

p.11), o “lazer como uma ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vivência e cujos valores propiciam condições de recuperação e de desenvolvimento pessoal e social”. O baile funk em sua prática de diversão pode ser entendido como uma prática de Lazer, danoso ou não, o juízo de valor fica ao critério do leitor, sendo aconselhado, convidado, a entender o tema de forma justa.

Instituto Rugby Para Todos (IRPT)

Dentro de todo esse contexto histórico da comunidade que permeia o tema lazer, surge o único campo de várzea que possibilita o encontro entre diversão e desenvolvimento, o “Palmeirinha”, como normalmente é chamado pelos moradores. Além de sua capacidade cultural básica, o futebol³¹, o espaço tem uma funcionalidade curiosa: é palco para a prática esportiva menos conhecida na esfera popular, o Rugby. Segundo Antonio e Kater (2016, p.1):

[...] tem longo histórico de prática no Brasil, tendo chegado ao país no fim do século XIX, já na Primeira República, devido à íntima ligação com a imigração britânica e sua influência. Entretanto, sua restrita difusão pelo país o coloca ainda como uma prática estranha e de pouca intimidade com boa parte da população brasileira, refletido em sua ínfima presença na literatura acadêmica nacional [...].

A trajetória dos britânicos no Brasil perpassa identidades que se retroalimentam, fora da terra de origem, dentro de práticas sociais típicas de seu país. As memórias, trocas e aprendizado poderiam se dar de formas distintas, e pelo que se apreende, o Rugby é um espaço propício para o fortalecimento dessas relações.

Um esporte que pode ter ganhado uma percepção de quem vê de fora, como parte essencial da elite britânica, no entanto, como filosofia e prática, pode ganhar e adentrar nos locais menos imaginados possíveis. A história do Instituto Rugby Para

³¹ IDELFONSO, Gideão. **Caderno de jornalismo esportivo** / Luciano Victor Barros Maluly, Marcelo Cardoso (Org.). 2. ed. São Paulo: ECA-USP, 2016. Disponível em: http://www.usp.br/cje/wp-content/uploads/2017/06/cad_jornalismo_esportivo2016-1.pdf .

Todos (IRPT) começou em 2004, segundo seu portal, com foco na prática dos princípios do Rugby à promoção do desenvolvimento da cidadania³².

No início, uma ideia singela, agora, um projeto intitulado, premiado e aclamado, com um grupo de trabalho forte, possibilitando a atuação dentro do Terceiro Setor, impactando diretamente na brecha ineficiente do Estado.

A formação começa na base, os Leõezinhos, crianças de 6 a 13 anos. Os Leões são jovens entre 15 a 18 anos, em que muitos já atuam em seleções nacionais. As Leoas, de 14 a 18 anos, empoderando-se em atividades no próprio instituto e quebrando com o machismo estrutural que também existe dentro do esporte.

O primeiro passo foi dado e construído por dois sonhadores, Mauricio Draghi e Fabrício Kobashi, jogadores experientes da seleção brasileira de Rugby e moradores das proximidades, possibilitando acesso ao esporte e formação educacional aos que nunca imaginariam que teriam contato com uma bola oval em Paraisópolis.

Durante a entrevista com um dos idealizadores do projeto, foram feitos os seguintes questionamentos: Onde tudo começou? O que instigou a começar o projeto do IRPT com os moradores de Paraisópolis? A resposta foi:

[...] “A iniciativa foi porque tínhamos a vontade de apresentar o Rugby a um público até então segregado da modalidade, seus benefícios e sua cultura. Paraisópolis era a comunidade vizinha ao bairro onde nós dois, jovens idealizadores, morávamos, o bairro do Morumbi. O projeto completa 16 anos em julho, e muita coisa se transformou. Foi um modelo desenvolvido, através de um grande laboratório de experiências, pelo pioneirismo da ação. Mapeamos as demandas e procuramos estruturar as distintas áreas, através de uma equipe multidisciplinar, com olhar holístico no desenvolvimento integral dos alunos, com base na gestão da rotina” [...].

No decorrer do projeto, os idealizadores reconheceram que ali existia uma mina de capacidade e talentos e não apenas um cenário de problemas e vulnerabilidades. As ações são feitas no foco do exercício da cidadania que, como demonstrado no anuário

³² RUGBY PARA TODOS. **História**. Disponível em: <https://www.rugbyparatodos.org.br/>. Acesso em: 29 dez. 2019.

de 2019 supriu as demandas educacionais e de lazer, o incentivo a democratização desses direitos, além da qualificação e a promoção da inclusão social.³³ Neste sentido Sampaio e Silva (2011, p.19) afere que:

Não há ferramenta melhor de inclusão social que a prática do Lazer, a implementação junto aos seus valores [...] por sua inserção na amplitude da dimensão cultural própria das sociedades humanas, pode propiciar tanto o descanso, quanto o divertimento como o desenvolvimento individual e social, empoderando as pessoas a tecerem contra símbolos culturais e não apenas tornarem-se consumidores, como se este fosse mais uma mercadoria.

Bem como construir a intervenção pelo lazer para superação da lógica social pautada na diferença e injustiça social, que restringe as vivências da população. A busca da associação dentro do âmbito da cultura, visto que é ligada direta e linear ao esporte, segundo Melo (2003, p.22): “aliás invariavelmente recebem menos verbas, já que ainda são consideradas de menor valor, como se fosse possível estabelecer rigidamente uma hierarquia de necessidades humanas”.

As perguntas direcionadas aos jogadores, professores, gestores, tinham como intenção buscar refutar ou não as hipóteses levantadas nos problemas e objetivos. Por exemplo, duas questões levantadas foram as seguintes: como haviam conhecido o IRPT? E, a outra: encontram algum tipo de dificuldade para participar do projeto?

As respostas para a primeira questão foram em duas frentes, alguns conheceram o Rugby por indicação de amigos e irmãos que já jogavam; outros, a maioria, pelas clínicas de Rugby, ações em escolas públicas parceiras do projeto. 75% são alunos vindos desses polos.³⁴

Adiante para a segunda questão traz aspectos como tentar equilibrar eventualidades do trabalho com os treinos, ocupações com a seleção brasileira e

³³ ANUÁRIO DO INSTITUTO RUGBY PARA TODOS. 2019. Disponível em: https://www.rugbyparatodos.org.br/wp-content/uploads/2019/Anuario_IRPT_2019.pdf. Acesso em 4 jan 2020.

³⁴ Instituto Rugby Para todos. **Relatório Anual**. 2017. Disponível em: <https://www.rugbyparatodos.org.br/wp-content/uploads/RELATORIO-ANUAL-IRPT-2018.pdf>. Acesso em 7 jan.2020.

financeiro para disputa de campeonatos na categoria adulta. Um entrevistado sintetiza sobre as dificuldades de renda:

Com 19 anos fiquei desesperado para encontrar um trabalho e poder pagar minha faculdade, consegui virar repositor de depósito para um Hortifruti próximo da avenida Paulista, descarreguei caminhão por 3 meses mas pelo menos consegui entrar na faculdade e dar início a um dos meus objetivos, enquanto estava no Hortifruti realizei uma entrevista nesse hospital e pra minha sorte fui selecionado, não seria mais um trabalho pesado fisicamente e devido a essas atividades não tenho mais tempo de me dedicar ao esporte.

Ao aspecto motivador, quando indagados sobre o que os motivam a acordar todos os dias de treinos e ir ao campo, as respostas que mais apareceram: superação, trabalho em equipe, ajudar irmãos de clube, sensação de pertencimento, liberdade, paixão, alegria, fortalecimento dos laços de amizade, uma segunda família, segunda casa, vontade de ser melhor como atleta e pessoa. Esses foram alguns dos pontos destacados. Uma resposta afere sua motivação ligados aos:

[...] valores que o rugby carrega, ele é diferente dos outros esportes, no rugby, temos que encarar o adversário de peito aberto e tentar golpear ele o mais forte possível e mesmo assim lá estamos nós dando risadas e compartilhando histórias no terceiro tempo. A gratidão que sinto em ter conhecido esse esporte que mudou a minha vida é muito maior do que posso expressar, acordo todos os dias e penso de qual forma posso contribuir para ajudar o Rugby assim como ele me ajudou e ajuda até hoje” [...].

A motivação para o lazer nasce nas relações que propicia o encontro informal, do contato face a face, por meio da atividade física e da interação social. Em que segundo VIVER COMUNIDADE (2013, p.40) “onde se reconhece o outro e se estabelecem vínculos, um espaço privilegiado onde se cria e recria”.

A incorporação da pessoa a um grupo em que Sampaio e Silva (2011, p.151) afere como: “uma reação para dominar ou enfrentar o fracasso mediante uma recuperação através da luta, vencendo os obstáculos e superar a si mesmo”. Assim, promovendo uma realização pessoal, enriquecimento, e desejo de satisfação.

Em um momento da entrevista, eles contaram um pouco sobre como foi passar a infância em Paraisópolis. Na busca de evidências sobre a prática física do lazer e sua

interação social com o meio, os relatos foram variados. A maioria das respostas foram tranquilas e com pitadas de felicidade e liberdade. Os momentos com amigos em ruas, becos, quadras, escolas, era um princípio, um relato específico resume bem o contexto da maioria das respostas:

[...] nas ruas da favela, sempre tive muita facilidade pra fazer amizade e todo amiguinho que eu encontrava na rua já queria levar pra minha casa dizendo ser meu amigão. [...] A minha vida até os 8 anos se resumia em jogar bola no campo palmeirinha ou na viela da minha casa, brincar de esconde-esconde [...].

A análise, junto às respostas, traz aspectos importantes em que Marcellino (2006, p.72) afirma que:

[...] ...o brinquedo, o jogo, a brincadeira são gostosos, dão prazer, trazem felicidade. E nenhum outro motivo precisaria ser acrescentado para afirmar a sua necessidade. Mas devemos considerar também que, através do prazer, o brincar possibilita à criança a vivência de sua faixa etária e ainda contribui, de modo significativo, para sua formação como ser realmente humano, participante da cultura na sociedade em que vive, e não apenas como mero indivíduo requerido pelos padrões de “produtividade social” [...].

No entanto, nem tudo são mares de rosas, existem alguns casos relatados de uma infância conturbada, preocupações dos pais com a dinâmica espacial e social, medos como dividir os espaços de brincadeiras com os carros, possíveis confrontos entre o Estado e o crime organizado, o que conseqüentemente obrigava os pais a manterem as crianças o mais ocupadas possível, com foco em mantê-las distanciadas de influências do mundo externo. Segundo Marcellino (2006, p.65):

[...] O lazer, tal como o conhecemos hoje, é uma problemática tipicamente urbana, característica das grandes cidades, porém ultrapassa suas “fronteiras”, uma vez que os grandes centros urbanos a levam, com as mesmas características, através da mídia, para outras regiões do país, nem tão grandes, nem tão urbanizadas [...].

Um fato que ganhou destaque nas falas foi a virada de jogo na vida, ao conhecerem o IRPT. Citações como apesar de “uma infância conturbada, até conhecer o Rugby no (IRPT), que mudou muito a minha vida” ou “entrei no Rugby então a minha infância foi virada e vidrada só pro Rugby é tudo que envolvia o Rugby é motivo pra

qualquer tipo de diversão”. Os seguintes questionamentos foram feitos: Algo mudou em você após o contato com IRPT? E, sua vida mudou em outras áreas para além da ligada à prática esportiva?

Os pontos citados foram positivos: mudanças significativas e importantes, portas se abriram para novos horizontes, tanto na área educacional, convivência familiar, aprendizado de línguas, sonho de entrar em uma faculdade, dentista, qualificação profissional, acompanhamento psicológico.

O desenvolvimento da interação social, visto que o Rugby é um jogo de comunicação constante e solidário, jogadores que se orgulham de ter chegado à seleção brasileira, jogar no Sul-Americano Juvenil e ser campeã sendo capitã, preocupação com a saúde e uma vida saudável, autonomia dentro e fora do campo, formação de caráter.

São aspectos que aparecem e se conectam de forma clara com a missão do IRPT “promover o desenvolvimento da cidadania através da prática dos princípios do Rugby.”³⁵ Assim, segue uma fala que sintetiza bem os pontos expressados:

[..] Tive a oportunidade de estudar dois idiomas em escolas muito bem avaliadas que é a Cultura Inglesa e a Aliança Francesa, pude conhecer outro país, o que envolve uma outra cultura, política, costumes e etc., fiz cursos para o primeiro emprego. E mudanças pessoais como me expressar melhor, pois eu era muito tímida [...].

O objetivo do projeto em ser um instrumento para construir e fortalecer relações sociais mediante a prática do lazer parece evidente, de acordo com Sampaio e Silva (2011, p.102), que favorece a “liberdade em suas expressões, abrindo portas para novas perspectivas, desinibindo e desbloqueando barreiras comportamentais por meio da comunicação verbal e a descoberta de atividades lúdicas, bem como permite-as definirem e redefinirem atitudes que tornem melhor o convívio social descobrindo e reinventando sistemas de valores.”

³⁵ RUGBY PARA TODOS. **História**. Disponível em: <https://www.rugbyparatodos.org.br/>. Acesso em: 29 dez. 2019.

Os fundamentos ao mesmo tempo não estão ligados somente à prática física em si, existe um grupo transdisciplinar que atua dentro da organização, além dos educadores físicos, psicólogos, nutricionistas, fisioterapeutas, entre outros. E como Saviani (2001, p.19) destaca a educação como sendo um meio instrumental que faz: “a mediação entre o homem e a cidadania, permitindo-lhe adquirir consciência de seus direitos e deveres diante dos outros e de toda a sociedade... Em outros termos, pela mediação da educação, será possível construir uma cidadania ética e, igualmente, uma ética cidadã.”

Ao questionar todos os entrevistados, jogadoras e jogadores, gestor e professores em relação ao espaço urbano em Paraisópolis, com o intuito de saber se, de alguma forma, eles se sentem sufocados ou oprimidos. O foco na análise fundamental foi que, inicialmente, o tempo de prática de lazer deveria corresponder a um espaço disponível, assim democratizado.

Alguns citaram aceitar que é um retrato da realidade urbana, sua densidade demográfica e compactação das casas e sua verticalização exagerada que limita outros espaços, e que, mesmo assim, não se sentem sufocados ou oprimidos. Uma resposta retrata essa dualidade:

[...] Não me sufoca, mas o que incomoda bastante é o fato de ter muitos carros estacionados nas ruas. Paraisópolis é um lugar de muitos habitantes e ter um espaço melhor para lazer e caminhar de forma mais segura seria uma coisa legal a se pensar. No entanto, a favela em si, por vir da favela/ da comunidade, mesmo que a discriminação tenha tido uma diminuída, muitos ainda associam a coisas ruins [...].

O conformismo de alguns pontos, pode estar relacionado ao sentimento de pertencimento. O sentimento subjetivo de fazer parte de um grupo e lugar. em um entendimento subjetivo dos sentidos, ao apego da paisagem local, como Faria (2004, p.44) explica: “por intermédio de representações sensíveis dos lugares, de experimentos de lugares imprevistos, inusitados, nunca antes pensados, passaremos possivelmente a

gostar dos lugares, dos nossos lugares, seja berço ou cabana, escola ou cidade, e de sentir-nos parte deles.” O problema que nesse processo de identidade comunitária, segundo Melo (2003, p77):

[...] o cidadão dissocia-se da cidade, não a reconhece, não se identifica completamente com ela. Obviamente que isso muito interessa aos que pretendem manter a atual ordem social. Ao separar o cidadão da cidade, esvazia-se a dimensão do coletivo e dificulta-se a articulação de possibilidades concretas de reivindicação.

O cidadão das periferias deve reivindicar a cidade como efetivamente sua e reconhecer o impacto que ele exerce diretamente nas questões do ambiente urbano. A constituição de um sentimento de identidade comunitária é importante, mas deve ser direcionado não a sua homogeneidade, mas sim, no combate às diferenças e injustiças sociais no qual o coletivo se insere e que tenha como referencial o bem-estar social.

Portanto, aos que consideram o ambiente mais sufocante do que opressor. O local oferece tudo que você precisa no âmbito da subsistência, mas a criatividade se faz necessária para que os habitantes tenham acesso a lazeres que vão além do futebol, da bebida e dos cultos de domingo. A consciência de que a superpopulação, verticalização, carros nas ruas, dificultam os reparos pelo poder público, tornando um ambiente propício para enchentes, poluição e falta de saneamento em regiões específicas já destacados em reflexões anteriores, corrobora ainda mais para essa inserção e integração com os benefícios que a cidade pode oferecer.

A falta de respeito de alguns moradores com o pouco espaço de lazer que existe foi levantada. Outro entrevistado cita: “Sim, sinto que poderíamos preservar mais as áreas verdes”. O que conecta com a discussão mais acima frente a construção de um parque na comunidade. Uma fala sintetiza bem os pontos levantados:

[...] É um pouco sufocante, muitas casas, muitas pessoas, muitas vezes não tem uma certa liberdade, pois são muitos vizinhos, fora que, eu moro na rua de um dos maiores baile funks de SP, então me sufoca e oprime às vezes sair em família, ou com amigos mesmo, chegar em casa e ter que passar no meio

de pessoas alcoolizadas, com segundas intenções, e correndo risco de segurança por motivos de briga, polícia quando entra na favela e etc [...].

O lazer, entendido no seu conjunto de reivindicações, sofre com influências diversas. Que segundo Isayama e Linhares (2006, p.74), é entendido de diferentes pontos:

[...] Um “oásis” de tranquilidade, e que inclusive, a gera, é uma visão contraditoriamente mercantilista – lazer mercadoria a ser consumida, funcionando como válvula de escape. Pelo contrário: a violência, a falta de segurança, são apontadas como fatores que impedem a escolha do lazer das pessoas, contribuindo para que fiquem reféns de suas próprias casas, aumentando o já elevadíssimo número de indivíduos que têm, na casa, o seu principal “equipamento” de lazer [...].

Em relação a prática coletiva do rugby, quando o gestor foi questionado sobre resquícios de problemas ligados a uma violência mais branda comparativamente aos citados anteriormente, como brigas, ele responde: “Procuramos mediar todo e qualquer conflito que influencie negativamente no desenvolvimento em alguma área da vida, no desenvolvimento dos alunos. Quando temos alguma questão comportamental, reunimos os agentes, e elaboramos estratégias que possam servir de exemplo para que o aluno modifique sua conduta”. Sendo que essas ações permeiam os próprios valores do instituto, como: Respeito Mútuo, Lealdade, Responsabilidade, União, Cooperação, Amizade, Igualdade e Disciplina³⁶.

Os próprios alunos têm plena consciência dos valores. Outros nem tanto, que são a minoria pelos relatos, alguns não procuram saber, preferem focar intimamente a competitividade, e que provavelmente são os causadores de indisciplina e acabam se distanciando dos valores que a prática do esporte pode proporcionar.

Os valores que mudam seus comportamentos e realidades que eles levam para a vida, formação de caráter, integridade, solidariedade, companheirismo, humildade: “todos os anos e, sempre que possível, nos é lembrado e passado os valores do instituto

³⁶ RUGBGY PARA TODOS. História. Disponível em: <<https://www.rugbyparatodos.org.br/>>. Acesso em: 29 de dez. de 2019.

que tem tudo a ver com a prática do Rugby. Sempre prezamos pela integridade, paixão, solidariedade, disciplina e respeito, para formar não só atletas e sim pessoas do bem”, nesse sentido, segundo Menicucci (2006, p.140) “o desenvolvimento da cidadania social depende, assim, por um lado, da constituição de um sentimento de identidade e de obrigação comum”, fruindo assim, seu caráter coletivo.

Dando um passo para trás para dar dois à frente, um outro entrevistado responde o questionamento feito a respeito da primeira impressão que ele teve quando pisou em Paraisópolis e o que chamou atenção no espaço urbano. A resposta foi a seguinte:

[...] A primeira impressão foi a consciencialização da pluralidade de demandas, muitas básicas e fundamentais para o desenvolvimento humano, como habitacionais, de saúde, e de convivência. Também a quantidade de crianças e jovens que se aglomeravam em busca de lazer em um único espaço disponível, o campo [...].

Essa síntese, conecta-se com as discussões anteriores na procura pela humanização do espaço para a prática do lazer. Segundo Bonalume (2002, p.198): “As políticas de ocupação do solo devem democratizar oportunidades, resgatar a funcionalidade e a qualidade dos logradouros públicos e melhorar a circulação de pessoas, favorecer o convívio, a integração, e encontro”.

A deterioração dos espaços para o lazer em favelas está justamente vinculada às reflexões do autor acima. E que Segundo Marcellino (2006, p.87):

[...] é preciso enfatizar que esses processos precisam contar com a participação dos profissionais da área, garantindo-se, assim, as qualidades técnicas requeridas e as especificidades da área, precisam contar também com a participação popular, viabilizando a satisfação dos interesses culturais a serem satisfeitos e/ou superados, através da animação sociocultural, e a manutenção dos vínculos com a cultura local [...].

E como Pochmann e Amorim (2003, p. 9) contribuem para a discussão: “à medida que as sociedades vão incorporando novas realidades — como a urbanização — nascem necessidades adicionais de vida digna, para além do simples critério de subsistência”. O espaço é fundamental para o lazer, é preciso pensar em medidas que

impactem diretamente no meio e conseqüentemente na qualidade de vida dos moradores desses cenários urbanos.

No início da pesquisa, tinha-se em mente que o impacto sobre os atores era restrito à prática esportiva, no entanto: o projeto IRPT vai muito além disso, evidentemente que a prática física é preponderante, mas por meio de ações do próprio instituto com pilares e fundamentos em busca de novos aprendizados e que segundo Stoppa (2005, p.27) “é fundamental como forma de estimular a criticidade e a criatividade, de tal maneira que as pessoas possam superar as diversas barreiras encontradas no cotidiano, que limitam a efetiva participação não só nas vivências de lazer, mas na sociedade de uma forma geral.”

Outra pergunta pertinente feita aos entrevistados, foi se eles já tiveram a oportunidade de ir para outros países, junto a sua prática esportiva, e se a experiência contrasta muito com a realidade em Paraisópolis. Em sua grande maioria, os entrevistados relataram experiências fora e dentro da terra tupiniquim. Algumas viagens diretamente ligadas ao IRPT; outras, pela seleção.

Os países visitados pela maioria dos entrevistados foram Uruguai, Chile, Paraguai, Argentina e Estados Unidos; aos que nunca saíram do Brasil, já tiveram oportunidade de se aventurar em algumas cidades brasileiras. O contraste destacado entre os locais visitados gira em torno do trânsito caótico de Paraisópolis e a gritante diferença de infraestrutura e espaços. Um dos entrevistados destaca:

[...] em 2019, com o instituto, o time feminino realizou uma viagem de 20 dias pra França, é bem diferente” [...] “tivemos a oportunidade de conhecer um bairro em que é como se fosse uma favela, mas é totalmente diferente da favela do Brasil, lá era tipo uns condomínios, prédios pequenos, mas muito organizado e até bonito! Paris é a capital, coisa mais linda, se a gente pudesse usar o Rio Tietê da forma que eles usam o Rio Sena, seria bem mais turístico São Paulo (mais do que já é), porém sem condições alguma disso [...].

A busca por novas paisagens e beleza é o produto de consumo do Turismo. Ao sair de seu lugar comum e de origem, encontrar uma nova cultura, enxergamos a vida

com novos olhares, com paradigmas, indagações, sensações e até mesmo a possibilidade de descobrir em sua paisagem cotidiana, aproximação ou deformação.

Silva (2004, p.20) diz ainda sobre o tema que a:

[...] valorização dos banhos de mar, da vida ao ar livre e das atividades esportivas para o lazer, incentivaram o desenvolvimento do turismo no mundo ocidental. Mas sem dúvida foram a industrialização, a urbanização, a regulamentação da jornada de trabalho (e a conseqüente instituição do descanso semanal e das férias) e a ampliação e modernização dos meios de transporte os elementos determinantes para sua consolidação.

No entanto, nos últimos tempos, em uma sociedade inserida na lógica do sistema de mercado, o turismo tornou-se um status social que determina o seu padrão econômico. Sendo assim, os indivíduos de baixa renda, por conta da sua dificuldade financeira:

[...] geralmente não usufruem o espaço turístico, pois não têm acesso às viagens, que são caras. Mesmo quando moram em cidades turísticas, utilizam-se pouco das atrações oferecidas, pois não possuem tempo – porque trabalham – ou não têm acesso – porque moram longe – ou são discriminadas pela cobrança de taxas para o consumo das atrações. Existem, portanto, guetos de lazer nas cidades. [...] (*Ibidem*, p. 38).

Portanto, nesse sentido, o projeto e a seleção nacional possibilitaram a esses jovens novas vivências e valores, participação em uma nova cultura, autonomia, e o exercício de cidadania que, segundo Sampaio e Silva (2011, p.102) possibilita “liberdade em suas expressões, abrindo portas para novas perspectivas, desinibindo e desbloqueando barreiras comportamentais por meio da comunicação verbal e a descoberta de atividades lúdicas”. Permitindo assim, definirem suas próprias visões e escolhas ao retorno de sua rotina.

O projeto IRPT em Paraisópolis, que ajudou o Brasil chegar à elite do Rugby no Mundo, o maior legado do IRPT é termos mais de 100 ações espalhadas por todo o Brasil, que se espelham em sua história e trajetória. Também tivemos a oportunidade de impactar outras iniciativas em outros países, como Colômbia, Portugal, e países da

África, principalmente colônias francesas.” Nesse sentido, a gratificação dos frutos de um sonho, a sua concretização em vários braços e segmentos, os alunos que se desenvolveram e se tornaram referências para os demais.

O próprio gestor destaca um ponto importante:

[...] Percebemos que a transformação exponencial ocorre nos primeiros 6 meses, assim, entendemos que todos os alunos saem beneficiados. Nos alunos que escolhem permanecer na modalidade, é possível perceber a absorção do que é ser cidadão, e assim terem suas responsabilidades. Além dos destaques no mundo esportivo como atletas, temos vários alunos que estão com suas vidas bem direcionadas e assim, colhendo frutos e conquistando objetivos. Alguns dos “*Cases*”, são parte dos 7 profissionais do Instituto e são ex-alunos.

Esses alunos que viraram jogadores profissionais ou professores pegaram todo o aprendizado que tiveram e transmitindo à frente, apoio não só tático, tornaram-se exemplos e tendo reconhecimentos. Essa ideia se torna um ciclo, pois os jogadores efetivamente são vetores de mudança para os que enxergam. As crianças e os outros jovens sonham em chegar onde seus pares estão. Quando questionados se eles consideram ser exemplos para garotas e garotos de Paraisópolis. Uma aluna cita:

Quando eu ouço de uma criança que quando ela crescer, ela quer jogar como eu ou ser como eu, eu penso que tudo se torna um ciclo. Hoje eu sou exemplo para ela, então vou ser a melhor pessoa possível, para que ela possa se espelhar, assim, quando ela crescer, ela vai ser o exemplo para outras crianças.

Um outro aluno cita, a partir do senso coletivo adquirido em sua história: “passei a trabalhar mais para mudar o meu entorno e as pessoas inseridas nele. Sou poeta, escritor, pedagogo, tenho um livro publicado, faço trabalhos voluntários com ênfase educacional e sou cofundador de um projeto que visa a democratização da literatura.”

As conquistas em todas as áreas possíveis da vida:

Com muita dedicação consegui não só bolsa de estudos pelo Prouni, o que me proporciona estudar Educação Física e poder trabalhar na área, como também consegui atingir a seleção brasileira nas categorias de base disputando 3 torneios internacionais. Fora isso, também fomos muitas vezes premiados nos campeonatos nacionais ficando no pódio 3 vezes tanto na categoria juvenil como adulta!

Além do impacto do bom exemplo e do bom uso do espaço, o resultado é a formação de líderes que poderão ser multiplicadores em seus núcleos e assumindo posições de liderança. Segundo Camargo (1999, p. 10) “há um grau de liberdade nas escolhas dentro do lazer maior que nas escolhas que se faz no trabalho, no ritual familiar, na vida sociorreligiosa ou sociopolítica.”.

E que segundo Rolim (1989, p.104): a passa a enxergar suas próprias possibilidades, “o segundo, porque a leva, de forma consciente, a desenvolver essas possibilidades num tempo que lhe pertence com exclusividade. Assim, tanto o processo educativo quanto o lazer contribuem para a realização da pessoa humana.” Dessa forma, as atividades do lazer atendem o todo e são estimulantes à procura de atividades que satisfaçam seus vários interesses, mesmo que não seja direcionado a prática física do Rugby em si, em alguns casos, a emancipação é clara e perceptível.

Outras perguntas foram feitas: o que você vislumbra para seu futuro ligado ao esporte? E qual sonho? Os jogadores se veem conhecendo e morando fora do país, carregando o esporte embaixo do braço, passando para seus futuros filhos, jogando na seleção brasileira e em olimpíadas, sendo técnico, treinador, educador. Ao passo que vale ressaltar que em 2021 na Olimpíadas de Tóquio, duas jogadoras do projeto IRPT disputaram a competição pela primeira vez³⁷.

Os sonhos são variados e não só conectados ao esporte, sonhos como terminar a faculdade, ser juíza, advogado, jogar contra a Nova Zelândia, ser o melhor ministro da educação que o Brasil já teve nos últimos tempos, poder retribuir, seja onde estiveram, tudo que o projeto junto à prática do Rugby proporcionou. Um dos jogadores diz:

³⁷ FIGUEIREDO, Patrícia. **De Paraisópolis para Tóquio**: atletas que aprenderam rúgbi na comunidade vão representar o Brasil nas Olimpíadas pela 1ª vez. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/07/28/de-paraisopolis-para-toquio-atletas-que-aprenderam-rugbi-na-comunidade-vaorepresentar-brasil-nas-olimpiadas-pela-1a-vez.ghtml>. Acesso em 03 nov. 2021.

Estou próximo de me formar em nutrição e pretendo me especializar em nutrição esportiva, assim, quero ajudar as pessoas da forma que eu gostaria de ser ajudado para evoluir no esporte. Pretende patrocinar atletas, principalmente os de baixa renda e assim, ajudá-los a realizar muitos sonhos.

Com os relatos, é perceptível o envolvimento desses jovens com a realidade que estão inseridos: se deparam com movimentos de resistências e emancipação, promovendo cidadania plena, valores que podem gerar transformação tanto social como individual. E como Freire (1992, p.47) nos auxilia:

[...] sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se... Não há mudanças, sem sonho como não há sonho sem esperanças.

Ao se dar conta das respostas, tendo por base a análise qualitativa dos dados, as atividades propostas pelo projeto e sua gestão participativa parecem, com os relatos dos jogadores apresentados de forma criativa e crítica, um experimento plenamente da vivência do lazer e seus valores. A satisfação que relatam em sua experiência frente ao projeto e sua interação social e física. A diversão e o desenvolvimento apontam para a qualidade de vida: a busca pelas belezas da vida.

Ao relatarem sobre o instituto e seus profissionais, os alunos afirmam que os profissionais passam muito além da modalidade: eles dão uma perspectiva de vida, é um ambiente acolhedor. Os alunos que foram do projeto têm a oportunidade de trabalhar dentro do próprio projeto — um aspecto interdisciplinar — além do projeto contar com profissionais de diversas áreas da saúde: “eles sempre têm muito a ensinar, compartilham suas experiências e sempre nos incentivam a continuar no esporte, seja ele qual for.

O instituto sempre contou com um ótimo grupo de profissionais, técnicos, coordenadores, diretores e Psicólogos, para dar o apoio necessário a todos”, para uma vida adulta com melhor qualidade, com boas condutas e melhores decisões dentro e fora

de sua realidade. com os quais, segundo Raquel Siebert (1995, p.19): "às práticas sociais são, portanto, introjetados pelos indivíduos que aprendem a dar as respostas esperadas aos estímulos que recebem do mundo e da sociedade".

Conclusão

Ao levar em consideração que muitos indivíduos, residentes em Paraisópolis, por escolha ou condições de renda não sairão do local, a revitalização urbana é essencial e necessária. A estruturação urbana, e o progresso tecnológico e descobertas científicas podem acelerar as mudanças das dificuldades técnicas e o progresso de Paraisópolis. O Estado deve buscar o desenvolvimento urbano, junto a políticas públicas, com o auxílio da rede comunitária, e de mercado, bem como conceber a intervenção do campo do lazer como algo que possa contribuir para a superação da lógica espacial pautada nas diferenças estruturais e injustiças sociais.

A pesquisa teve seu auge com a representação e concretização do lazer desenvolvido pelo projeto, na conservação dos espaços de lazer já existentes e até mesmo ressignificando o espaço do campo que era somente para o futebol. Nesse sentido, para que o espaço urbano seja concebido de forma mais humana, há a necessidade de recuperar os espaços públicos e, quando a escassez for presente, ressignificar os espaços já existentes.

A violação dos direitos humanos não é vista pelo outro, e as oportunidades são aparentemente singelas ao senso comum quando o assunto diz respeito ao lazer instrumentalizado dentro de territórios como o de Paraisópolis. Contudo, tendo por base as ações realizadas pelo IRPT, que consideram que o outro tem direito à dignidade, o que se percebe é uma mudança de comportamento dos indivíduos em sua autonomia crítica e seus planos pela busca de um futuro próspero. A gestão educacional, que não é

só desenvolvida pela prática esportiva, é um fator determinante, e quando junto ao auxílio dos diversos profissionais, o desenvolvimento pessoal e social acontece.

A construção coletiva comunitária efetiva acontece quando os alunos se tornam os vetores e desenvolvem conjuntamente as ações com os gestores. Percebe-se tão uma construção quando os alunos se tornam professores e transmitem o apoio não só tático, mas os valores impregnados no lazer por meio das ações culturais vivenciadas.

Quanto a atuação multidisciplinar prevista nos altos do projeto, apesar do cenário urbano que dificulta a potencialidade instrumentalizada do lazer, o impacto direto das ações na vida social dos atores contemplados pelo projeto é evidente, além disso, pode ser um instrumento importante de exemplo para a melhoria da qualidade de vida dos jogadores da comunidade. Assim se entende que o IRPT busca um processo de uma saúde integral, vetor da dignidade e dos direitos constitucionais fundamentais que atuam como um elemento de resgate da participação ativa e de uma vida ética não só pessoal, mas comunitária e familiar.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Título original: Dizionario di filosofia. ISBN 978-85-336-2356-9.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Texto, contexto e significado**: algumas questões na análise de dados qualitativos. Cadernos de Pesquisa. 1983.

ANTONIO, Victor S. R., KATER, Thiago. **A imigração Britânica e a introdução do Rugby no Brasil**. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 23, 2016, Assis.

BACAL, Sarah S. **Lazer e o universo dos possíveis**. São Paulo: Aleph, 2003.

BONALUME, C.R. O lazer numa proposta de desenvolvimento voltada à qualidade de vida. In: MULLER, A; DA COSTA, L. P. (Org.). **Lazer e desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002. p.189-214.

BRITO, Paula. **Psicologia do desporto**. Lisboa: Omniserviços, 1994.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

FARIA, Ana Beatriz G. **A descoberta do mundo ou a experiência de lugar, do berço a cidade**. Caderno Temático de Formação II – Construindo a Pedagogia da Infância no Município de São Paulo. São Paulo: SME/ATP/DOT, 2004.

FREIRE, Paulo. **1921 – Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido / Paulo Freire. Notas: Ana Maria Araújo Freire Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GOHN, Maria da Glória. Morumbi: o contraditório bairro-região de São Paulo. **Cad.CRH**, Salvador, v.23 n.59, May/Aug. 2010.

HARARI, Noah. **Homo Deus**: uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das letras, 2016. ISBN: 978-85-359-2819-8.

HUDSON, M. **Administrando organizações do terceiro setor**: o desafio de administrar sem receita. São Paulo: Makron Books, 2004.

ISAYAMA, H. F., LINHALES, M. A. **Sobre lazer e política**: maneiras de ver, maneiras de fazer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

KOGA, D. **Medidas de cidades**: entre territórios de vida e territórios vividos. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCELLINO, Nelson. O Lazer e os Espaços na Cidade. *In*: ISAYAMA, Hélder Ferreira; LINHARES, Meily Assbú (Orgs). **Sobre lazer e política**: maneiras de ver, maneiras de fazer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 65-92.

MELO, Vitor Andrade de. **Lazer e minorias sociais**. São Paulo: IBRASA, 2003. 224p. Biblioteca Sociologia e Política: 47.

MENICUCCI, T. M. G. Política pública de lazer: questões analíticas e desafios políticos. *In*: ISAYAMA, H. F.; LINHALES, M. A. (Org.). **Sobre lazer e política**: maneiras de ver, maneiras de fazer. 1. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

POCHMANN, Marcio; AMORIM, Ricardo (Orgs.) **Atlas da Exclusão Social no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

REQUIXA, R. **O lazer no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1977.

RODRIGUES, A.B. O lazer e espaço na cidade pós-industrial. **Licere**, Belo Horizonte, p.149-164, 2002.

ROLIM, Liz Cintra. **Educação e lazer, a aprendizagem permanente**. São Paulo: Ática, 1989.

ROLNIK, Raquel. **O lazer humaniza o espaço**. Lazer nunca sociedade globalizada. São Paulo: SESC/WLRA, 2000. p.179-184.

ROUSSEAU, J.J. **Émile, ou de l' éducation**. Paris: Garnier Frères, 1967.

ROUSSEAU J. J. **Emílio, ou da educação**. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. São Paulo: Difel, 1979.

SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios**: a ciência vista como uma vela no escuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SAMPAIO, Tânia; SILVA, Júnior. **Lazer e Cidadania**: horizontes de uma construção coletiva. Brasília-DF, 2011.

SANTINI, R, de C, G. **Dimensões do lazer e da recreação**. São Paulo: Angeolotti, 1993.

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira; KADOTA, Décio Katsushigue. **Economia do turismo**. 2012. APA.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

SAVIANI, D. Ética, educação e cidadania. **PhiloS - Revista Brasileira de Filosofia de 1o. Grau**, Florianópolis, Ano 8, n.15, p.19-37, 2001.

SIEBERT, Raquel Stela de Sá. As relações de saber-poder sobre o corpo. *In*: ROMERO, Elaine. (Org.). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: Papirus, 1995.

SILVA, Maria da Glória L. **Cidades turísticas**: identidades e cenários de São Paulo. Aleph, 2004.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual**: natureza, capital e a produção de espaço, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

STOPPA, Edmur. Associativismo, sociabilidade e lazer. *In*: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org). **Lazer e cultura**. Campinas: Alínea, 2007.

STOPPA, Edmur. **"Tá ligado mano"**: o hip hop como lazer e busca da cidadania. Campinas, SP, 2005.

THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VEAL, A. J. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo** São Paulo: Aleph, 2011. Série Turismo.

VIVER COMUNIDADE. **Lazer e fortalecimento comunitário ação comunitária**. São Paulo: Ação comunitária, 2013.

WILDE, Oscar. **A alma do homem sob o socialismo**. Porto Alegre: Ed. L&PM, [1895] 2008.

Endereço dos Autores:

Gideão da Silva Idelfonso
Endereço Eletrônico: gideao.idelfonso@usp.br

Edmur Antonio Stoppa
Endereço Eletrônico: stoppa@usp.br